

# O ESTADO

De tanto se falar  
no homem comum  
estão esquecendo  
o homem extraordinário  
(Miller)



## Interessante

TERESINA, DOMINGO 28 DE MAIO DE 1972

### Direito e Filosofia no campus em agosto



Em transas  
Universitá-  
rias, um papo  
legal do Rei-  
tor sobre o  
Campus e ou-  
tras coisas.

Chico  
Anísio

escreve  
um conto  
na última  
página

Na Coluna  
Marginal

as dicas  
de política  
e de  
outras  
coisas  
mais

tem  
ainda

Ary  
Sherlock,  
curtição,  
cinema,  
entrevistas  
e outros  
babados  
mais



Lena Rios

- O Piauí foi ingrato comigo

# Atenção

## Aqui

Aqui estou e aqui me entrego. Ando meio esmorecido. Tô pra não me levantar mais. As coisas estão cada dia mais difíceis. Tudo trava-  
lhando contra a gente. Número anterior nós dissemos que íamos pintar de legal. Não pintamos mes-  
mo. A gente sai da redação e deixa as coisas tudo direitinho. Vai pra casa morto de cansado, mas satis-  
feito. Achando que tudo vai sair bom. Quando depois você pega o jornal, tá uma porcaria. Tudo mal feito, erros e mais erros. Ai o cara sorri para não chorar. Fica só a esperança de que o próximo será melhor. Bem, mas vamos ao que está aí dentro: Aqui ao lado o Galvão (depois de longo e tenebroso inverno) ataca de POP, numa reper-  
tição do que já fez e talvez contra sua vontade. Só pra quebrar um galho. Depois tem o Ary (divino, louco, poeta) com o Cão Interior. Tem também o conto da semana só pra encher espaço. Adiante a Página Marginal com dicas nada marginais. Ande mais um pouquinho e você encontra a Lena Rios num papo legal, dizendo coisas do coração e da arte. Autêntica como ela só. Depois da Lena tem Gente e Arte do Josias Clarence, que agora tá dando uma mãozinha na gente, também quebrando galho. Tá gostoso de se ver. Na outra tem novamente queixas de leitores e a estréia do Boavista, curtindo no Figueiredo e no Herculano. Vira, e tem o Jari Mosil falando de cinema e de Cannes. Vale a pena dar uma olhada. Na seguinte tem um papo com o Reitor Hércio Ulhoa de Saraiva, que abre assim a página universitária do suplemento. Se você se liga em coisas da Universidade dê uma sacada lá. No fim tem o Chico Anísio que ataca de escritor com o «O Batizado da Vaca». Esse número não tem página de música. O L. Cláudio tá viajando. Fiquem com isso e vamos esperar o próximo

## Agora

# POP

POP é feijão com arroz: POP é a pedra no meio do caminho que você topou. É o «nome feio» que você falou. Puxa minha gente, não vamos engravidar as coisas. Pop é a abreviação de popular. É preciso mais do que nunca que as coisas fiquem bem claras. Que os ovos tenham claras, gemas e e cascas, e só. Pop é o frito de carne de porco, na Estação. Andergraunde, não é uma seita a seguir. Não é um novo catecismo. Não é uma receita a seguir. Não é um cataclisma. Andergraunde é você. Lá dentro, no fundo. É uma volta às origens, que não tem nada a ver com Freud. Ou tem? POP é Boi. Não o Bumba Meu Boi. O boi, mesmo. Os caboclos guerreiros, o négo Chico, a catirina, os reco-recos de latas velhas cheias de pedrinhas de fogo, a lamparina em cima daquelas varas compridas, as penas de peru nas cabeças, os tambores ovais, o passo machucado, o compasso galopado, Chico tira a língua, si tu qué tirar. POP é o Divino. O meu Divino Espírito Santo. E a pomba branca na bandeira

vermelha. E a caixa com as cordas frouxas, com aquele som mole e frouxo. Ser POP, e ser mistério. Não é de miniministérios interiores. Ou de ministérios do Exterior. POP é um mistério do MANELAVIÃO. É uma velha estória da prisão. Serrando as grades: nhem! nhem! MANELAVIÃO fugiu. É necessário abrir os olhos. Andergraunde é isto aí, que você está pisando em cima. É preciso abrir o corpo. Principalmente a boca. Não pra falar. Mas pra comer e beber desta ceia que é talvez a última. Minha gente a coisa é fácil. Mais do que nunca os olhos vão ser úteis. Olhar o mar daqui, o Parnaíba, lá pelas cinco. Pensar besteiras maiores. E ver que a razão ficou atrás. Olhe, lá vai ela nos pneus que aqueles meninos rodam pela rua. Olha, gente pop é ver além da sombra, por um metro e meio que seja. Mais do que nunca é preciso por as coisas em pratos limpos. E, gente vamos fazer

uma promessa pra Nossa Senhora do Ó.

# FICHA



DIRETOR—Marcos Igreja; REDATOR—Alberoni Filho; SECRETÁRIO—Arimatêa Moreira; DIAGRAMAÇÃO—Machado Neto; REVISÃO—Nelson. Este suplemento é transado neste mês mariano (já é tempo de soltar papagaio) por obra e graça do Espírito Santo e a benção dos macumbeiros da terra. Tem como correspondentes o Durvalino Filho e o Pê José em Brasília, o R. Wilson no Estado do Rio, o Zé Alencar em Belém, o Xico Pereira em Recife, o Etim em Fortaleza e o Haroldo Barradas em Minas. É apoiado moralmente pela Maninha, a Fátima, a Dio, a France, a Madalena, a Alzira, a Rosarinha e o Toinho. Só nos responsabilizamos por artigos assinados. Este é o número 7 e não pode ser vendido separadamente. Reze por nós e até outra vez.

# CAOS INTERIOR

—Ary Sherlock

Estranhos braços em formas  
longitudinais

Grandes fumaças de 'côres sem palor'  
Figuras grosseiras a me confundem  
Badaladas mui fortes num agostocer  
Luzes. Muitas. Variadas,  
Numa explosão cataclísmica de  
clarões vermelhos  
Fernas multiformes  
Dedos crispados em mãos enregeladas  
E, sobretudo, olhos — grandes,  
pequenos

verdes, azuis, ciliéntos  
amarelos, castanhos,  
negros — muito negros

E um esgar num riso que gargalha  
Transformando-se em ribombar de  
trovões.

Reiâmpagos luzidios  
Tristezas siderais  
Um casto enorme de saudade  
Um brilho longinquo de estrela  
E o meu inconformismo  
E esta angustia

Este desejo de ser

E o pensamento louco

E esmagando tudo:  
Meu viver frustrado.

## Conto da semana

# O telefone

A turma do escritório já andava desconfiada do Ademário, que, além, gostava de ser chamado pelo apelido de "Demá" que ele achava um luxo. Mas sabe como é, não havia provas, o cara procurava ficar na mão e coisa e tal, e ninguém podia falar nada. Mas que desconfiavam, lá isso faziam. Chegavam a jogar verde:

— Você acha futebol abrutalhado?

Ademário levava as mãos ao rosto:

— Que infâmia. Sempre adorei o futebol. Só não gosto das palavrões nas arquibancadas. Acto um tixo.

Mil verões.

E o "Demá" nada.

Sempre na dele.

Num certo dia o chefe anunciou aos funcionários, fazendo pose:

— Como é do conhecimento de todos, nossa firma está crescendo cada vez mais e, naturalmente, temos que ampliar o nosso patrimônio, ampliar nos sas instalações e nossos serviços.

Receberá palmas dos pais-avós e pros seguis:

— Assim, amanhã, estaremos rece-

bendo um novo telefone, porque os irin ta já existentes não chegam.

Anúncio e foi embora, pra praia, porque era chefe e não precisava ficar se matando lá no escritório. A turma tratou logo de se reunir:

— O tal telefone novo é um prece-

tinado.

Explicou:

— Será o telefone do amor.

A turma não havia entendido e o autor da ideia deu a dica sem omitir nenhum detalhe:

Só damos o numero para mulher.

Não mantjaram? Será o telefone dos en-

contros fortuitos, o telefone inconfessavel

O continuo, um cara baixinho e feio

como Madureira e Campo Grande numa

segunda-feira de chuva, lá em Conselhei

ro Galvão, fechou a cara:

— Então eu nunca vou usar a droga

do telefone.

Deram com os ombros:

— Problema seu.

No dia seguinte chegou o telefone e a patota traiu de mandar fazer cartões de visita com o número do aparelho. Houve e lembrete:

— Só para mulher, só para matar en-

contros, só para namorar.

E assim foi. O primeiro foi o Ge-

ralcino que atendeu uma dona a quem

dera o cartão pela manna.

— Logo mais, benzinho? Tá legal.

Depois foi a vez do Juvenildo. O

continuo gritou:

— "Seu" Juvenildo, o telefone do

amor. E uma dona.

Juvenildo pegou o tone:

— É claro que é uma dona. Archa

que lá dar o telefone para algum ho-

mem?

Durante alguns dias o telefone não

parou. Sempre mulher procurando al-

guém do escritório. Ontem, à tarde, o

telefone tocou. O continuo tomou um sus-

to dos diabos:

— É homem e quer falar com o Ade-

marido.

"Demá" levantou a cabeça e não deu

a menor pelota pra gozação do pessoal.

Atendeu:

— Alô.

Continua muito na dele.



# O leitor marca presença

"Pelo notável trabalho do Luiz Cláudio de entrevistar o grande artista internacional, Darcy Villa Verde deixou muita gente bem informada, tanto assim que, uns dos meus colegas acadêmicos (INTELECTUAL), não sei o nome, perguntou-me se o concertista era Piauíense. Indaguei e convenci-o de que o rapaz havia nascido bem perto de Alcaçonga (São Gonçalo)-Pi. Há legítimo do Sr. Francisco Tadeu das Vitimas e de Marcolina Feita de Amor e Silva, radicado além das fronteiras da Amazônia que faz a divisa com o Peru (Lugar Ignorado).

Bem informado estou eu e o Cláudio, cujas razões posso explicar, tais sejam: nasci antes de Critos e hoje estou mais jovem, meu cérebro funcionou desde lá como se fosse robô. O Cláudio conheceu a D. Felisbella a quem deu seu amor por ela, não casou, cihou e passou deixando os seus ditreses: o amor desse tempo é ignorado, por que não traduz o que gente quer".

Leonardo Neto

Desejo saber por qual motivo vocês não escrevem nada sobre esportes. Um jornal jovem, moderno, devia ter uma página dedicada às transas esportivas, já que o público jovem é tomma por bola.

Jose Maria Cardoso  
Terésina — Pi.

- Ze Maria, já tem uma página todinha no O ESTADO que transa esportes. Então pra que mais?

Eu não entendo nada do jornal de vocês. Porque que vocês são contra o Jerry Adriani, o Wandeco, o Marcio Greyk, e outros pães da jovem guarda brasileira?

Francisca Regina Coelho  
Terésina — Pi.

- Ainda bem que você não nos entende, Regina.

Quero parabenizá-los pela feliz iniciativa de criar um jornal dessa estirpe e levar até vocês os meus votos de prosperidades. Entretanto eu os acho muito bitolados. Apegados a certas coisas, sem admitir opiniões contrárias. Acho-os também bastante caçados em Erico Verissimo, com esse negócio de chamar o Piauí de Terra de Antares.

Adalberto Lages de Carvalho  
Terésina — Pi.

Falou bicho. Tem uma coisa: quem batizou o Piauí de Terra de Antares foi o Durvalino Filho e o Pê Jose Cunha, muito antes do Erico lançar o Incidentes. Não tem nada a ver com o Verissimo. E porque a estrela que corresponde ao Piauí, é a estrela de Antares.

Endereço para correspondências:  
Rua João Cabral — 471.





Lena Rios:

# - Quero um filho para me realizar



A Lena Rios vai embora. Vai magoada com o Piauí... Muito se falou nela (dela) mas pouco se lhe ajudou. Aqui mais uma vez ela está falando de si, e das coisas que gosta. Falou de música, de vida, de amor, de maquiagem, de amizade, (podes crer), e de um bocado de coisas mais. É muito alegre e descontraída, mas parece esconder um sofrimento que não quer revelar a nenhum custo. Ela fez um show, cantou, encantou, agradeceu... depois disse: «Vou embora». Alí o Alberoni Filho e Marcos Igreja foram bater um papo com ela. Falou de peito lavado. Disse o que sentia e o que não... Bom, mas ela vai embora e vamos goá-la.

MARCOS IGREJA — Lena, você não notou uma diferença na vida artístico-cultural de Teresina?... Um negócio mudado... Pessoas querendo fazer coisas novas, diferentes...?

LENA RIOS — Bem, quando eu saí daqui já existiam pessoas como o Alberoni, o Ary Sherlock e Viana... mas individuais. Não existia aquele grupo... Quando voltei encontrei vocês o Galvão, o Edmar, o Durvalino, e Arnaldo, o Noronha, o Geraldo Accioly... todo mundo. Poxa. Eu achei sensacional e acho mesmo que esse nosso grupo não deixa nada a desejar em relação a outros que tem lá no sul... Ideias maravilhosas... Cucas divinas... Tudo muito fantástico.

ALBERONI FILHO — O Lena, você, djas atrás, deu um show no 4 de setembro. Eu queria saber o que você achou da receptividade do público?

LENA — Olha, foi o show mais bacana que eu já dei na minha vida. Foi a pri-

meira vez que eu cantei aquilo que gosto... O gênero que eu gosto, e não ouvi nem sequer uma vaia... Só aplausos. Um show onde apresentamos músicas de Luis Gonzaga (que eu considero o Papa da Música Popular Brasileira), Caetano, Gil Torquato Neto, Carlos Pinho, Wally Salomão... de toda essa turma que ainda não é muito aceita aqui, entende? Mas todo mundo que foi curtiu comigo. LENA NA CHAPADA DO CORISCO, foi o maior e o melhor trabalho que já realizei em minha carreira aqui no Piauí... Inclusive eu acho que a gente abriu uma porta para esquemas de shows, segundo me disseram Carlos Saíd e outras pessoas que apareceram por lá... Eles acham que agora a turma vai partir pra uma de show montado... O show montado tem mais algo a oferecer.

ALBERONI — Você acha que a juventude do Piauí já está aberta para música popular... esse negócio todo?

LENA — Não, não tá bem aberta... Ela começou se abrir... mas não tem ainda uma abertura total... Cincoenta por cento de nossa juventude, ainda prefere ouvir o Jerry Adriani o Paulo Sérgio (que não é o Vale), o Waldick Soriano... e escutar um Tom Jobim, um Caetano, um Gil... Chico Buarque...

MARCOS — A que você atribui isso?... Será que nossa juventude não está ainda preparada para observar um trabalho mais sério ou é fraqueza dos meios de informação que pouco ligam a MPB?

LENA — Eu acho que são as duas coisas... Porque... a televisão e as revistas são grandes veículos de informação, e estão aí ao alcance de todos... o cara tendo um pouquinho de inteligência fica em dia com tudo que está se passando...

# Fiz crônica social por uma revolta íntima

ALBERONI — Me diz uma coisa: a televisão brasileira está aberta para pessoas como você, o Gil e Caetano e Chico, e Torquato, esse pessoal todo?

LENA — Olha, a televisão brasileira é por demais comercial... A TV Globo é a única que ainda faz alguns programas por arte mesmo, sem muito comércio, como ela já teve o "Som Livre Exportação"... Depois que começou a comercializar... aí foi uma derrota total... um fracasso ao programa.

ALBERONI — Você quer dizer então que a televisão, pra lutar, deve divulgar a verdadeira Música Popular Brasileira?

LENA — Exatamente, négo. É isso que acontece... ainda tem que a juventude do Rio, a turma do "underground", se liga muito mais em rádio que em televisão. Uma Mundial, supera todos os canais de televisão que existem no Brasil... outra rádio que está também num esquema diferente, de apoio à MPR, é a Tamoso do Rio de Janeiro...

MARCOS — Já que o Alberoni falou em televisão, vou te fazer uma pergunta: eu te conheço e sei que por princípios você não toparia estar aparecendo a se da hora em televisão. Mas você precisa de projetar... então, você aceita de se projetar, então, você aceita uma proposta do Flávio Cavalcanti?

LENA — Olha, eu tive que aceitar. Era pra mim me apresentar no Flávio no domingo e na terça-feira, antes do domingo eu desmorei e tive que vir pro Piauí... Agora no meu esquema de divulgação, o primeiro programa que eu vou fazer é o Flávio... Vou fazer o Flávio por dois motivos: ele penetra em todo o Brasil, via Embratel e segundo é porque artistas novos como eu, o Rolando, o conjunto Liverpool Sound e outros mais eles impõem os programas que a gente deve aparecer... Agora depois que a gente conhece, faz o programa que quer.

ALBERONI — Mas escuta aqui: você aparecendo no Flávio vai destacar bem que é o Piauí, não vai?

LENA — Olha... hoje eu já fico em dúvida... não sei...

ALBERONI — ... porque o Piauí não lhe foi muito grato...

LENA — Não foi muito grato, não...

foi grato de maneira alguma... A coisa boa foi encontrar essa turma maravilhosa que nos temos agora e rever vocês... O mais difícil muito a aceitar... Ninguém me deu apoio. No Brasil todo foi o lugar que eu menos vendi discos... Semana passada eu li na "Amiga", que meu disco está estourando em São Paulo. Lá eu já tenho um nome... Belem, Recife, Porto Alegre... tudo eu ensourei. Minha terra foi o lugar que eu menos fiz sucesso. Mas é assim mesmo, saio de casa não obra milagres.

MARCOS — Mas vem cá, você não recebeu uma cobertura que devia receber, nem por parte do pessoal de rádio, que já te conhecia e se diz seu amigo? ... Por... as cartas na mesa: o representante da PHILIPS, (que é a sua gravadora), o Magalhães, não te de-

o apoio necessário? LENA — Olha, ele me divulgou assim que eu cheguei muito bem, em seu programa e... algumas promoções que eu fazia que eu comunicava, ele divulgava... mas importante pra mim, seria se ele tivesse feito um trabalho completo, em todas as emissoras. Isso ele não fez. Não sei se por falta de tempo... ele é um cara muito ocupado, não entendo... Eu sei que em parte, eu sou prejudicada em vez de ser divulgada no rádio, devido o nosso representante não ter feito um bom trabalho de divulgação.

MARCOS — Mudando um pouco... O Jari Meilão já vir pra esse papo, e

... Ele que sabe o que você acha dessa omissão que o Caetano e o Gil estão fazendo no nome do Torquato Neto... não citando em suas últimas entrevistas, ele que foi considerado o melhor letra do Brasil no tempo do Tropicalismo?

LENA — Olha, isso é safadeza. Eu sou macaquinha, de Caetano de Gil adoro os músicos, mas não que eles saiam falando com o Torquato é pra safadeza.

... O responsável por tudo isso se chama Capinam. Foi o Capinam que fez toda a intriga entre Torquato e o Grupo Bala... Ele me falou quando do "Bela Me To" e "Soy Tico per ti America" e Capinam jogou os meninos uns contra os outros. E Torquato, coitado, ficou meio triste com isso... apesar de tudo ele ainda adora o Caetano, o Gil...

MARCOS — Ainda o Jari: ele quer saber o que você acha disso que ele chama "caetanismo exagerado". Eu penso que embora não esteja havendo essa coisa toda, estão mistificando o Caetano.

Eu me amarro no Caetano, mas o negócio é que ele está sendo mistificado justamente por pessoas que se dizem desmistificadoras...

LENA — Olha, eu sou muito contra o "caetanismo exagerado". Muita gente diz gostar do Cae pra passar por entendido, dar uma de legal... As vezes não sabe o nome de nenhuma música de Caetano... A onda agora do Rio é Caetano, Caetano, Caetano... Na maioria das vezes o cara não sabe nada das músicas de Caetano...

Não entendo nada do que ele quer dizer... a mensagem do trabalho dele... então eu sou contra isso. Acho terrível as pessoas que admitem o trabalho de quem que entendem nada que ele está se propondo a fazer...

MARCOS — Vem cá Lena, em termos de musicalização, você fica com Caetano ou com Gil?

LENA — Olha, eu sou mais Gil. E se seguir o Caetano é o poeta, é o Gil o músico. Eu acho que se eles quisessem fazer juntos, do tempo da terra de Caetano e a música de Gil, seria um troço sensacional... quer dizer que não é aquele negócio de interesse, pra mim, o melhor letra do Brasil popular Brasileira não pode, foi Torquato Neto.

ALBERONI — Falando um pouco do que você diz ser o Papa da Música Popular Brasileira (e estou de acordo com você), Luiz Gonzaga. E o seguinte: me parece que as grandes músicas de L. Gonzaga, vamos dizer, Asa Branca, Acará, Assum Preto... as melhores, são todas dos velhos tempos. Hoje em dia parece que ele não faz mais isso. Músicas como essas que eu falei, né? Você atribui isso a quê?

LENA — Bom, eu acho que é o ambiente em que ele está vivendo. Antigamente, ele convivia com compositores como Humberto Teixeira, Zé Dantas... hoje ele está convivendo com Capinam, com o Grupo MAU, do Gomaga Junior, filho dele... então ele teve que mudar um pouco... agora... a gente vê esse meu show. Nesse meu show eu canto músicas lindíssimas do Luiz Gonzaga. Cantei Boadeiro, Estrada do Caniço, Xanducaia, Chamego, Riacho do Navio... eu adoro cantar música do Luiz.

MARCOS — Vamos fugir um pouco de música pra falar na Lena, fides mulher. Essas coisas todas que falam que você deixou teu marido pela música e tal... você não sente esse tipo de ternura de mãe não. Você nunca pressionou em ter um filho?

LENA — Po... Eu me ligo páca. A coisa que eu mais desejo no mundo é ter

um filho. Eu acho uma coisa divina... a mulher só é mulher quando é mãe, eu entendo? E... pode chocar a quem quiser: quero ter um filho e não me importo quem seja o pai. Esse negócio de... quero me casar novamente... não tem nada disso. O dia que eu encontrar um cara bacana, que me aceite como eu sou, sem querer me modificar... me aceitar com a música... vai ser divino... nem que depois a gente separe, não tem problema, eu quero é um filho pra mim criar, educar, um filho como diz o Zé Rodrix, de "cuca legal".

LENA — Olha, eu sou muito so... ninguém sabe disso... às vezes eu estou cercada de gente... estou mais so do que nunca. As vezes eu estou com um amigo e me entrego... fico curtindo entende? Ai depois que eu me separo desse amigo a solidão vem redobrada... Eu estou me fechando... eu gosto de todo mundo mas em particular eu

ou tenha tudo quanto é de qualidades... Não, é que tenho uma torção de vontade fora do comum. Eu sei o que quero e vou lutar com todas as armas. Eu sei que quanto mais sucesso eu tiver, mais triste, mais só eu vou ficar... Eu sou por demais volúvel... tudo aquilo que eu quero depois que eu consigo, me é indiferente.

MARCOS — Isso não é porque você se condicionou a viver dessa maneira tal vez por uma decepção no campo sentimental?

LENA — Não, não é nada disso. Sabe que aconteceu? É que enquanto eu vivia aqui no Piauí, eu era uma pessoa toca pura, muito simples, muito prejeira mesmo. Depois que eu parti pro sul, eu vi muita miséria. E depois de viver nos bastidores do mundo musical, que não é mole, é uma sujeira incrível... eu aos poucos fui me transformando... eu confio desconfiando, entende? Em tudo

LENA — E, o Torquato também fica nessa. Inclusive ele é filho do meu Pai de Santo, assim como temos outros grandes nomes lá do Tio Ze Jairo, e o Carlos Imperial, o Nelson Mota... Antes de qualquer show eu invoco todos os meus orixás.

ALBERONI — Vamos mudar de macumba, falar de outra coisa. Como foi esse negócio de você ter sido cronista social?

LENA — Bom, aquilo foi uma revolta íntima... uma revolta contra minha família e a sociedade... Tudo começou quando meu pai, que tinha uma situação financeira remediada, sofreu uma reviravolta em sua vida profissional... Então, depois disso, as pessoas que antes se diziam minhas amigas e meus parentes, passaram a me olhar de uma outra maneira. Ai eu prometi pra mim mesma que iria fazer esse pessoal todo me reconhecer e enveredei na crônica so-

## Encontrei na Umbanda o que me faltou noutra religião



não gosto de ninguém... Eu quizerá agora, ser a Barradinha de 14, 15 anos, que adorava se aprontar, fazer um ves tudinho novo pra falar com o namorado, fazer um peteado legal pra chamar a atenção dele...

MARCOS — Olha, Lena: eu acho basicamente esse provincianismo em que ainda vive o Piauí. Esse negócio de namoradinho de portão... namorar a garotoes condições aos pais dela... e lindo isso... você não sente saudade dessas coisas?

LENA — Eu acho divino ver um casal de namorados vindo do colégio, trocando beijinhos... adoraria milhões voltar isso novamente... Agora, o que me compe pensa toda essa tristeza de não ter mais esse romantismo assim, são aplausos. É a coisa que mais me compensa... acho que vale todo sofrimento que eu tiver.

ALBERONI — Você trocaria os aplausos por essa realização pessoal de não se sentir só?

LENA — Sei lá... os aplausos também são bastante importantes pra mim porque eu acho muito difícil eu não me sentir só, ter alguém, e não me sentir trada porque não estou com a música. A música é como um vício, a gente pega e custa deixar... mesmo eu tenho uma convicção certa de que vou vencer... não que eu seja a melhor, a boa

eu aprendi a ver maldades... a segunda face de cada pessoa... foi incrível, me chocou demais ai eu fui me fechando cada vez mais.

ALBERONI — O Lena, essa pergunta vai sair meio enxertada mas se eu não fizer logo eu esqueço: você sabe dizer alguma coisa sobre esse negócio que a turma fala do Simonal... que ele virou dedo-curo...

LENA — Olha, esse negócio todo começou com um desfalque que houve na firma do Simonal. Entre muitos suspeitos ele botou a culpa só num, aí a turma começou a dizer que ele era dedo-curo.

MARCOS — Fala de umbanda... você é médium... teu pai de santo, teu guia... essas coisas todas.

LENA — É o seguinte: eu era uma pessoa muito insegura, sem tranquilidade... então depois que entrei na umbanda, que conheci o pai Luis Lohjanco eu fiquei senhora de mim... eu sou filha de Iansã e Ogun... sou da linha do caboclo Cobra Coral... na falange de preto-velho eu tenho pai Joaquim e vovo Maria Conga... Pôra, eu tenho fé demais nos meus orixás, e creio que eles não vão me faltar nunca.

ALBERONI — O Torquato também tá nessa?

cial que era o melhor caminho para o meu objetivo. Dito e feito. Quando eu estava na crista da crônica social, muitos deles vieram me procurar para fazer isso e aquilo por eles.

LENA — Olha, por falar em cronista social, eu quero dizer um negócio aqui: eu não entendo a Elvira Raulino... uma hora ela procura me ajudar... depois começa a me criticar, chegando inclusive a dizer em seu programa que eu deveria usar sutia... isso é um problema todo meu, se eu ando sem sutia e porque posso...

MARCOS — E os próximos show... as próximas transas...?

LENA — Ah eu vou dar um show saba do próximo, dia 3 de junho, no Imperio do Bacelar, em Coelho Neto. O show vai ser no hotel Ouro Verde. Foi um convite que eu recebi do grupo Bacelar, que muito me honrou, por partir de um importante grupo empresarial, que em muito tem contribuído para o desenvolvimento de nossa região.

LENA — Para finalizar, eu quero agradecer aqui (o que eu faço em toda entrevista) a ajuda, o apoio que me deu um minha vida artística, o Roberto Menescal. Pô Roberto, você é um aijo. Nunca vou te pagar o que devo.

# Gente e arte

Josias clarence carneiro da silva

## Talhas e entalhadores

A notícia é das melhores. Cada dia aumenta o número de artista que se dedicam à difícil arte de esculpir em madeira. O pioneiro foi o mestre CHICO BARROS depois surgiu mestre Desinho de Oliveira, Josafá Silva e agora nos surpreende Hélio Feitosa.

Estivemos pensando seriamente em reuni-los numa coletiva onde a beleza e o trabalho artesanal seriam o máximo de sensibilidade.

As talhas piauienses são iguais e às vezes até superiores as que recebem consagrações nos grandes centros artísticos do país.

## PIETA

— Perde o patrimônio cultural da humanidade uma das maiores obras de artes de todos os tempos, a «Pieta» vítima de um ato de descuido dos mais ignominiosos.

MIGUEL ÂNGELO continuará sendo um dos gênios artísticos da humanidade de todos os tempos.

Da nossa conversação, destacamos alguns aspectos que Jeovah Santos abordou numa apreciação pessoal bastante válida. Vejamos:

— Falando sobre artes plásticas, na sua opinião, em que posição se encontra o Piauí?

Resp: Bem no início, criando condições necessárias ao desenvolvimento, a conscientização. Haja visto o seu esforço à frente da Fundação Educacional Carneiro da Silva.

— Quais os pintores piauienses que no momento presente muito tem projetado nossa terra, aqui e alhures?

Resp: Em primeiro lugar destaqueo Elizinha Martins da Silveira, a única piauiense premiada numa bienal internacional. Temos Maria de Lourdes Guanabara, Afrânio e com grande sucesso Fabiano Campos.

Entre nós, temos o Josafá Silva, a Cléia Maia, Arnaldo Albuquerque, Francisco Ribeiro (Dito) e Chico Barros, excelente primitivo.

— Que motivos levam o amigo de xar o Piauí?

Resp: Falta de motivação, ambiente artístico, incentivo. Imagine você que por incrível que pareça eu vendo telas para o sul do país e que se nada aqui. A nossa mentalidade continua aquela de não se prestigiar a prata de casa.

Tomemos por exemplo, uma exposição de pintores piauienses, a coletiva fica inúmeros dias a mostra e ninguém adquire um quadro por preço razoabilíssimo.



## Jeovah Santos despede-se

Os artistas em geral saotrequietos e sôfregos. Estão sempre a procura de novos horizontes, novas inspirações. É a chama interior a crapitar incessantemente. O pintor Jeovah Santos deixará em breve o Piauí, à procura de meios artísticos mais adiantados. Pretende integrar-se com maior ardor a problemática da estética, dedicar-se a pesquisa, respirar absorver a beleza harmônica das cores.

Jeovah seguirá para o Rio de Janeiro de onde pretende projetar o Piauí como vem fazendo inúmeros pintores contemporâneos. Antes de partir, porém, Jeovah Santos realizará uma individual em Teresina, assinalando sua despedida de nossa Capital.

Estivemos com Jeovah Santos, na manhã de ontem, numa conversação das melhores. Tema, artes plásticas.

Alguém organiza uma coletiva de pintores cariocas, expõe numa boutique por falta de galeria de arte, todo mundo compra, e por que preço... veja a tela de DJANIRA, numa das suas plenas fases adquirida pela bigatela de 4 mil cruzeiros e dos outros expositores... na verdade muito daquilo é anti-arte, mais traz o rótulo do sul, é finessa.

4 — JEOVAH por que suas telas por mais alegre que seja os temas refletem sempre algo triste? Resp: Com sua pergunta você se revela um invulgar observador dos sentimentos alheios. Só pinto

o que sinto e às vezes para atender certos clientes abordo uma temática festiva, mas na realidade o quadro através de suas cores traduz a melancolia indiferença da minha alma. É um estado de espírito.

Gosto de pintar aspectos tristonhos da vida. Uma família de retirantes cearenses, os desamparados, mendigos, etc.

Felizmente estou superando essa amargura psicológica, e a legendaria afirmação de JEOVAH, o PINTOR TRISTE DO PIAUI.

# PAGINA MARGINAL

Frase do nosso estimado professor universitário e desembargador Vicente Ribeiro Gonçalves: «Duas coisas que eu invejo neste mundo: a gargalhada do Camilo e o físico do Cassy Távora».

x x x

Katia, pintora piauiense, está na terra. É artista de alto gabarito, mas, como é prata da casa, e como santo da terra não cobra milagres. Katia não é notícia nas colunas de sociedade e nem aparece nas badalações que se fazem para promover gente de fora. Diz o Índio do Piauí que por causa de fatos assim muito piauiense residente fora do Estado nega a terra em que nasceu.

x x x

O deputado Chico Figueiredo dizia ontem numa roda de amigos que será capaz de chamar até a polícia se o vereador Herculano Moraes botar os pés no gabinete do líder do MDB na Assembleia Legislativa. As eleições municipais estão chegando e cada vez mais os meninos esquecem aquela história de que a união faz a força.



Matis Portela procurou este colunista para dizer: «Não vejo impedimento algum para que não me convidem para a mesa em que estejam o Valmor e o Cassiano».

O Profeta do Monte Castelo desapareceu completamente das ante-salas do Karnakão. Esteve agora no Rio e voltou ao Piauí dizendo que vai instalar em Teresina uma empresa de gravação.

Entrevistado por este jornal, o reitor Hélcio Saraiva disse que o campus universitário não fica muito longe: apenas dois quilômetros após a ponte do rio Poti. Frase do jornalista Alberoni Filho a respeito: «Está certo. Só dois quilômetros depois de ponte. E a quantos da Vermelha, Matadouro, Parque Piauí, Tsubuleta, Poti Velho e Timon?»

Carlos Augusto decidiu-se definitivamente: será mesmo candidato a deputado estadual em 1974.

Uma firma de Fortaleza deu entrada na Junta Comercial de Teresina de um pedido de registro de uma sucursal em nossa capital. Ao que soubemos, essa firma pretende engarrafar os refrigerantes Crush e Grapete.

Enquanto isso, o forte grupo Ximenes, dos Mercantis São José, do Ceará, desistiu da idéia de instalar supermercados em Teresina e São Luís.

Há dez anos o filme brasileiro «O PAGADOR DE PROMESSAS» conquistava a «Palma de Ouro» prêmio maior do Festival do Cinema de Cannes. Numa iniciativa elogiável os produtores daquela obra prima do cinema nacional estão promovendo a sua reapresentação, que em Teresina será no Cine Royal, brevemente. Aproveitando a oportunidade, apresentamos um artigo que fizemos em 1962 e que achamos interessante a sua publicação. E já que falamos em Cannes, trazemos um comentário sobre o 25º festival, realizado recentemente. Para completar a seção, segue a programação da semana, com destaque para os filmes de maior importância.

## Cannes em dois tempos

### 62-O pagador de promessas

A história do cinema brasileiro se divide em dois tempos: antes e depois de «O PAGADOR DE PROMESSAS».

A obra, simples e de grande força, é a história de um agricultor que num "terreiro" faz a promessa de carregar sobre os ombros uma pesada cruz até a distante igreja de Santa Bárbara se sua mula atingida por um raio escapasse da morte. Acontece o "milagre" e quando Zé do Burro, o agricultor (vivido por Leonardo Vilar,) vai cumprir a promessa encontra forte oposição de um sacerdote e do bispo, devido a forma em que foi feita a promessa. Segue uma ligação da mulher de Zé do Burro — a Rosinha (Gloria Menezes), com um mau caráter (Ceraldo del Rey), a briga de Rosinha com a amante (Norma Benguel) deste, a perseguição policial e finalmente a morte de Zé do Burro sobre a cruz. O filme tem um final dramático. O povo recolhe o cadáver, o coloca sobre a cruz e leva para o templo. Os nomes são obrigados a baterem a porta abaixo com a cruz e a colocam com o corpo ante o altar. A promessa está cumprida.

Para muitos europeus o filme de Anselmo Duarte pareceu anti-clerical e crítico da Igreja e logo surgiu a comparação com «VIRIDIANA», de Luis Buñuel e que ganhou o prêmio do ano anterior (1961).

Falando à imprensa, logo após ser proclamado vencedor da «Palma de Ouro», Anselmo Duarte alegou a intenção de ter feito um filme anti-clerical mas admitiu que "seria objeto de grande controvérsia no Brasil", se bem que "a mais alta hierarquia católica do país a aprovou e colaborou na sua produção. Para ele, o tema principal da obra não é a religião nem a igreja e sim o problema humano da palavra empenhada". E concluiu: "Temos em Zé do Burro um homem que prefere a morte a faltar com a palavra empenhada."



### 72-A loucura

Para grande parte dos 1.500 jornalistas que fizeram a cobertura do 25º Festival do Cinema de Cannes, loucura coletiva (guerra do Vietnam e guerra da Argélia) e loucura individual (esquizofrenia ou alienação) foram os temas dominantes expressos pelos filmes oficiais e também pelos quase 300 apresentadores fora do festival. Apenas os filmes franceses não abordaram esta visão e amarga de nossa moderna sociedade crítica e amarga de nossa moderna sociedade, continuando com a tradição de análise de sentimento.

O grande prêmio foi outorgado aos italianos Elio Petri («A CLASSE OPERÁRIA VAI AO PARAISO»), Francesco Rosi («O CASO MATTI») e o ator Gian Maria Volonté (que desempenhou os papéis principais em ambos os filmes). Digamos que o júri, presidido por Joseph Losey, foi unânime em seu veredicto.

Leonardo Vilar, foi a grande sensação em 1962, quando o Brasil conquistou o prêmio de Cannes com «O PAGADOR DE PROMESSAS».

Concorrendo "hors-concours" as grandes atrações foram «ROMA», de Federico Fellini e «FRENZY», de Alfred Hitchcock.

A ausência mais notada foi a do Brasil que no ano em que comemora o décimo aniversário da conquista de «O PAGADOR DE PROMESSAS» era aguardado com grande expectativa.

### Filmes da semana

Semana com dois bons lançamentos e uma continuação dignos de serem vistos. Os lançamentos: «Sete Homens e Um Destino» e «A Sangue Frio», este de Richard Brooks, baseado no "best-seller" de Truman Capote. A continuação: «O Enterro da Cafetina», filme da nova linha de comédias do cinema nacional. Eis a programação completa:

#### CINE ROYAL —

«O Enterro da Cafetina», hoje amanhã e terça.

«Ele e as três Noivas» — quarta e quinta feira.

«Arizona Colt» — sexta e sábado.

#### CINE REX

«Fuja, Sartana Chegou» — hoje e amanhã.

«Sete Homens e um Destino» — terça e quarta.

«As Aventuras do Dr. Diabolo» — quinta e sexta.

«Os Três Invencíveis» — sábado.

#### ESPECIAL

«A Sangue Frio» — Cinema de Arte, sábado, às 10 horas no cine Royal.

### Curta—metragem

O CINEMA DA ARTE anuncia seus próximos lançamentos: 10 de junho — «DR. FAUSTUS», 17.6 — «A CORRENTE DA VIDA»; Dia 24/6 — «ALUCINAÇÃO DE ULISSES», baseado na discutida obra de James Joyce (Ulisses).

# Transas Universitárias

Criamos uma página universitária pro E. I. e na abertura da mesma achamos que as transas deveriam ser com o Reitor. Fomos lá e conferimos. O homem tem bastante presença e se safou tranquilo do papo. A entrevista foi feita pela Rosilene Caldas, o Antônio Linhares (que é o responsável por esta página) e o Marcos Igreja. Próximo número tem mais, podeis crer.



## Direito e Filosofia no Campus em agosto

**MARCOS IGREJA** — Prof. Hélcio, como o senhor recebeu a notícia da criação de uma página universitária no O ESTADO INTERESSANTE, suplemento jovem do jornal O ESTADO?

**PROF. HÉLCIO** — Eu já tive oportunidade de dar minha opinião através de uma comunicação ao jornal O ESTADO. Eu acho que a idéia veio preencher uma lacuna muito grande na imprensa do Piauí, uma vez que a Universidade assume cada vez maior importância fundamental na vida da sociedade teresinense e da comunidade piauiense. Muitas coisas que se tem discutido sobre a Universidade são baseadas em informações de terceiros. Então, um jornal que informe criteriosamente os acontecimentos universitários, tem uma função social bastante importante para a Universidade e para Teresina.

**ANTÔNIO LINHARES** — Eu queria saber como vai o andamento da construção do Campus Universitário?

**PROF. HÉLCIO** — A construção anda muito bem. Até 20 de julho estarão terminados os 3 primeiros prédios e no princípio de agosto nós pretendemos instalar esses prédios que comportarão toda a área onde atualmente funcionam Direito, Filosofia, Educação e Ciências da Natureza. Apenas ficaram sem mudar para o Campus dessa primeira vez, as escolas de Odontologia e Medicina. Os três prédios estão planejados para receber quase toda a Universidade, menos a administração central. A concorrência feita para mais 2 prédios comportará parte da Administração Central, a Biblioteca do Campus, Diretórios Acadêmicos e talvez alguns serviços de auxílio, como cantina, etc.

**A. LINHARES** — Com a construção da obra a Reitoria trará a Faculdade de Administração de Parnaíba para o Campus Universitário?

**PROF. HÉLCIO** — Não há nada decidido nesse aspecto.

O atual estatuto da Universidade que ainda não foi revogado, diz que a Faculdade de Administração ficará em Parnaíba.

**MARCOS** — Prof. o senhor não acha que a Faculdade de Administração fica um pouco marginalizada? Não por falta de assistência da Reitoria, mas talvez pela própria localização geográfica...

**PROF. HÉLCIO** — Na verdade ela não está marginalizada. O que acontece e que como ela está em Parnaíba e nos estamos aqui, as comunicações as vezes se tornam mais difíceis... Inclusive os alunos da Faculdade de Administração terão oportunidade de competir este ano, por um lugar de participante nos Jogos Universitários Brasileiros.

**ROSILANE CALDAS** — Prof. eu gostaria de saber, o que poderia ser feito para que houvesse melhor contato entre os universitários e o senhor, porque acredito existem alunos que ainda não conhecem o Reitor.

**PROF. HÉLCIO** — Tem sido uma preocupação minha desde que cheguei, me aproximar e escutar os alunos. Evidentemente que o Reitor é uma pessoa e os alunos são 1.300... Então eu não poderia conhecer pessoalmente cada universitário, no entanto, nunca deixei de receber um presidente de Diretoria ou representantes de um grupo de alunos que viessem me procurar. Procuro sempre comparecer a todas as atividades esportivas e culturais da Universidade... Criamos um serviço comunitário, que é especialmente orientado ao contato com o aluno e seus problemas.

**MARCOS** — Essa é uma opinião bastante pessoal: eu acho que os Diretores Acadêmicos de nossas faculdades, quase não se movimentam, estão numa inoperância constrangedora... A PAEP também não se faz presente a nada, nem mesmo as competições esportivas.

**PROF. HÉLCIO** — Quanto à PAEP, há realmente a necessidade de uma organização formal, estrutural, que eu pedi ao Prof. José Nelson e ao Dr. Carlos Batista que ajudassem a fazer essa reorganização. Quanto aos diretores, o que se nota é pouca participação dos alunos.

**A. LINHARES** — Não já será tempo de se criar um Diretorio central, para haver mais integração na classe universitária?

**PROF. HÉLCIO** — No documento que estamos preparando de reorganização da Universidade existe a previsão da criação de um Diretorio Universitário. Não tem sentido chamar-se Diretorio Central dos Estudantes porque, na Universidade moderna em que você não tem mais alunos de unidade tal e tal, mas sim alunos que fazem diversos cursos.

Então todos os alunos são alunos da Universidade. Portanto, se reúne num Diretorio Universitário... O documento que vamos soltar, permite a criação deste diretorio. Vai depender dos alunos, formá-lo ou não.

**MARCOS** — Quanto ao problema de artes... universidades de outros estados realizam festivais de teatro, de música...

**PROF. HÉLCIO** — Realmente eu acho importante a Universidade participar da vida cultural da cidade e ser mesmo um móvel e desenvolvimento dessa vida cultural... Mas, infelizmente nos não podemos fazer tudo de uma vez. Nós temos apenas um ano de idade. Logo que a Universidade tiver condições de desenvolver uma área dessa, partirá para isso.

**ROSILANE** — Prof. com a transferência de algumas unidades para o Campus a Reitoria já pensou no problema de deslocamento do Universitário para lá... Principalmente o estudante pobre que não dispõe de meios de transporte?

**PROF. HÉLCIO** — A Diretoria de Assuntos Educacionais Comunitários já viu isso, e já tem a coisa bastante delineada. Haverá linha de ônibus até o Campus, num preço bastante acessível.

**A. LINHARES** — A Reitoria não pensa no momento em criar outra faculdade?

**PROF. HÉLCIO** — A Diretoria de Assuntos, buscando um termo que vocês gostam muito, "já era". A Universidade tem as suas unidades divididas em departamentos que oferecem disciplinas. Os profissionais novos são criados formando-se currículos de disciplinas das por esses departamentos. Então acabou a idéia e se criar para cada curso profissional, uma faculdade.

**MARCOS** — Prof. o senhor finalize esse papo ao seu modo.

**PROF. HÉLCIO** — Eu queria apenas agradecer a vocês a oportunidade deste bate papo, e me colocar à disposição de vocês e de todos os universitários, dizendo que mais do que nunca a Universidade precisa de vocês. Tudo que a Universidade faz só tem uma finalidade: melhorar o ensino para aqueles que são estudantes. Por outro lado a Universidade pede e vocês a colaboração e a participação nos problemas da Universidade.

# Chico Anísio escritor

Com tantos lugares maiores e mais práticos, o menino achou de enfiar o amendoim exatamente no ouvido. Ouvido esquerdo, que foi o escolhido por comodidade, visto tratar-se de um menino canhoto.

A família, na liguca, em meio ao ajantarado do domingo, mesmo na hora em que o pai procurava uma sintonia melhor para escutar as corridas, ficou em pânico por causa de uma frase.

— Mãe — disse o menino que enfiara o amendoim no ouvido —, não estou ouvindo direito.

— Não está ouvindo direito, como? — indagou a mãe.

— Como? — inquiriu o menino dando uma inflexão diferente ao advérbio.

— Tua mãe está perguntando — irrompeu-se o pai abandonando, durante o que dizia, a sintonia no rádio — como é que você não está ouvindo direito. Entendeu?

— O senhor está perguntando se eu entendi? — voltou o menino, sentado ao lugar ao lado da cabeceira.

— E, entendeu? — tornou o pai, levando à boca, com um ligeiro auxílio do indicador, polegar, um pedaço de rabada.

— Entendeu o que? — desentendeu o menino.

— Você está surdo? gritou a irmã da outra cabeceira que ficava sob a Ceia do Senhor.

— Será que ninguém compreende o que eu falo? vociferou o menino, já se pondo de pé. — Eu estou dizendo que não estou ouvindo direito.

— Você não está ouvindo direito? — insistiu a mãe, já tão aflita, que nem ligava mais para a rabada que estriava no prato.

do no dial, outro na polenta.

— Foi você quem falou, Terezinha?

— O que foi que a senhora disse? — questionou o menino, retornando mais calmo ao seu assento.

— Esse menino está doido — admitiu o pai voltando a tentar captar a narrativa dos pares.

— Doido, não — contestou a mãe — que ele não é maluco. Você é louco?

— Um pouco, mãe — respondeu o menino, pensando que a mãe lhe perguntara ser mouco.

— Não estou entendendo coisa nenhuma — reagiu a irmã numa irritação que mostrava que ela não entendia coisa nenhuma. — Fala comigo, Geraldinho. O que é que há?

— Falou comigo? — quis saber o menino que enfiara um amendoim no ouvido.

— Ele está creche — resolveu a irmã, voltando ao caqui, que era muito mais interessante do que aquele diálogo absurdo.

Por alguns momentos, sem falar, todos comeram. Rabada ou caqui, feijão ou menhancia. O silêncio era tão absoluto que o pai que conseguiu achar a estação que procurava. Ai, o menino falou.

— Mãe, não estou ouvindo quase nada.

— Você já disse isso.

— O que foi que a senhora disse? — Perguntou o menino que não estava ouvindo quase nada.

— Eu disse que você já disse que não está escutando direito — irritou-se a mãe com a boca cheia de rabada.

— Como? — arguiu o menino com o ouvido cheio de amendoim.

— Eu acho melhor botar esse garoto de castigo. — sugeriu o pai, com um de- perguntou o menino quase surdo ao ou-

vir a voz do pai.

— Foi o pai — voltou a irmã de cabelos longos e paciência coitada neste

— O que? — era o menino quem perguntava.

— Geraldinho — brandou o pai, deixando o rádio de lado numa atitude tão absurda quanto esta estória. — Presta atenção. Olha para mim. Está escutando o que eu estou falando?

— O senhor está falando? — sussurrou o menino, preso entre as mãos do pai que lhe deixavam resquícios de rabada e polenta nos ombros.

— Estou. — gritou o pai com um soco tão forte na mesa que fez a concha mergulhar no feijão.

— Não adjanta, Eu não estou escutando quase nada — monocórdiou o menino Geraldinho.

— Sabe o que é que eu acho? — ponderou a irmã. — Eu acho que o Geraldinho não está escutando direito.

— Se ele não escutando direito — ponderou de novo a mãe — por que não avisa? Está escutando agora, Geraldinho?

— O quê?

— Está escutando agora? — repetiu mais alto o pai.

— Hein?

— Esta escutando? — esganiçou-se a irmã da cabeceira.

— Olhem. Eu já disse, e vocês não entendem. Eu não estou escutando direito — falou Geraldinho, já irritado.

— Ele não está escutando direito — traduziu a mãe, tomando uma atitude de defesa do filho que tinha colocado amendoim no ouvido.

— Mas por que? — indagou o pai apoiético.

— Como? — Murmurou o menino, numa pergunta de medo, pela notória apixia paterna que geralmente dava motivo a surras homéricas.

O pai esqueceu as corridas de Pernambuco, que tentava escutar e pediu um lápis que lhe foi entregue pela irmã em meio às folhas de um caderno escolar. O pai escreveu, com letras de imprensa, a pergunta:

— DESDE QUANDO VOCÊ NÃO ESTÁ ESCUTANDO DIREITO?

Empurrou, com mais vontade, o caderno para o lado do menino.

— Quer saber desde quando eu não estou escutando direito? Quis assegurar o menino de ter lido certo.

— E, Geraldinho — disse a mãe muito maternal — desde quando?

— Como? — perguntou Geraldinho muito tímido.

O pai respondeu passando o dedo sob a frase que esfregava na cara do menino.

— Desde que eu enfiar um amendoim no ouvido.

Tiraram o amendoim, deram-lhe uma surra e o mandaram para fora da sala, em sinal de protesto.

O menino foi e voltou chorando, para se sentar na cadeira em frente a tevê.

— Fazendo a gente ficar foida, esse moleque — comentou a mãe, tirando a mesa do ajantarado.

— Como, — perguntou o menino, que acabara de enfiar um amendoim no ouvido direito.

Segundo Braga, um dos donos da Editora Sabiá, Chico Anísio (ao lado) escreve bem não comete erros de Português é muito observador e sua linguagem é coloquial «O Batizado da Vaca», é o nome do seu primeiro livro e será lançado brevemente pela Editora Sabiá

